

Zé Nobre busca a integração

Distante dali, mais próximo à Rodoferroviária, Zé Nobre enfrentava - bem-humoradamente - um pequeno transtorno: sua parada de ônibus foi encontrada suja e ele precisou dedicar algum tempo à limpeza, antes de iniciar seu trabalho. Sua obra se chama Céu Mar de Brasília e coloca peixes convivendo com aviões.

“Quero integrar as duas Brasília”, teorizou Zé Nobre. “Aquela lá de baixo, dos deputados, que todos estão de olho, e aquela Brasília da comunidade, mais popular. No tempo que estou aqui, por exemplo, pude observar que os ônibus demoram a passar”. Ele admitiu estar gostando da idéia de participar de uma galeria ao ar livre, que pode ser vista de carro em toda a sua extensão ou simplesmente “ser fre-

qüentada parcialmente, por aqueles que sempre pegam ônibus no mesmo ponto”.

Abstrações - Alguns artistas preferiram seguir suas linhas abstratas. Tarciso Viriato, por exemplo, fez Brasília, Uma Cidade Moderna, uma obra em que se pode reconhecer uma ou outra referência ao traçado da cidade, mas na qual prevalecem as cores fortes em grandes manchas. Ele não usou as tintas que a Administração do Distrito Federal forneceu a todos os artistas e preferiu suas tintas acrílicas de cores intensas.

Um trabalho bastante curioso foi o desenvolvido por Helvia de Campos Moreira, a mais jovem dos artistas, com 21 anos. Brasília, História Pop, ao lado do Centro de Convenções, recupera o estilo dos

anúncios publicitários da época em que Brasília foi construída, no final dos anos 50 e início dos 60.

Grafiti - Alguns artistas incorporaram aos seus trabalhos as pichações feitas em alguns dos abrigos (Tarciso Viriato, José Maria, Alexandre dos Santos). Mas mostraram preocupação com a possibilidade de vandalismo, uma vez concluídas as “telas”. Jefferson Braga, que dividiu a grande parada em frente à Rodoferroviária com José César, colava suportes no abrigo com algodão, para criar texturas próximas ao seu trabalho escultórico.

“Essa é uma parada de grande circulação e a Administração se comprometeu a colocar placas pedindo a conservação, mas mesmo assim receio que os vândalos ataquem”, disse Jefferson Braga.